Metatópos: presente, passado e futuro na cidade

POR DENIS FERRI E GABRIELA SOARES

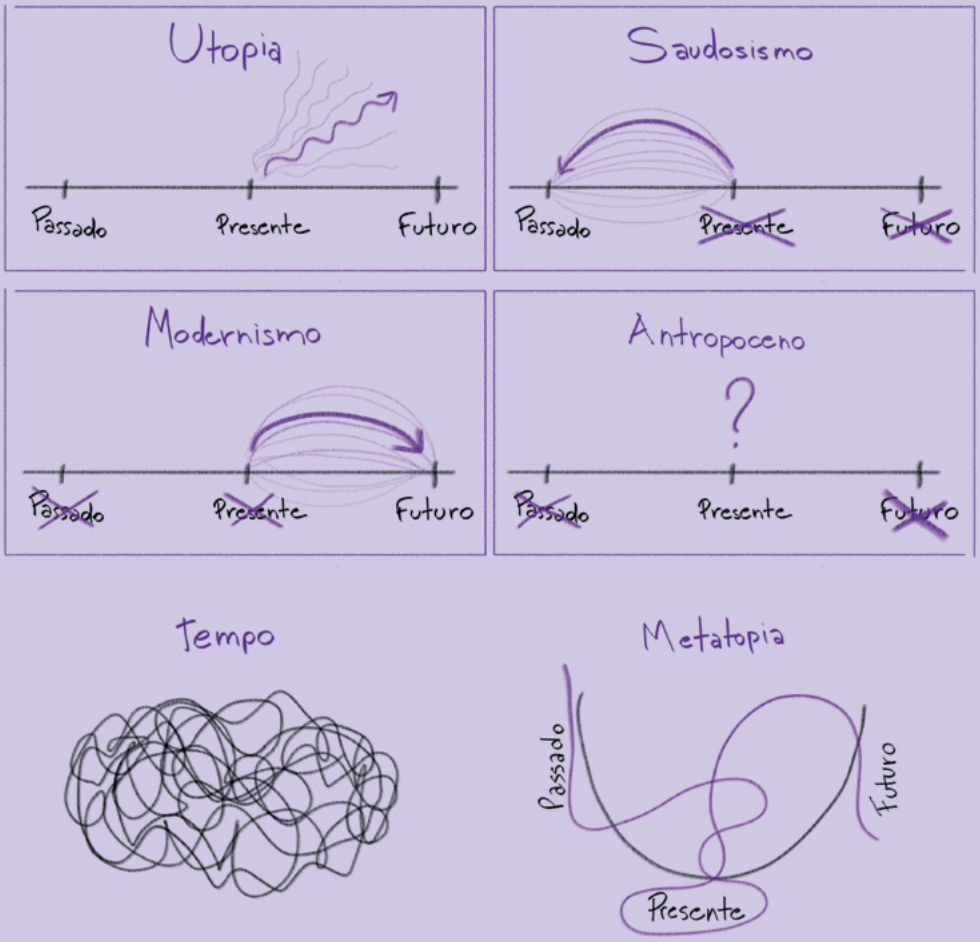

Diagrama Tempo x Espaço, 2023. © DENIS FERRI E GABRIELA SOARES

¶ “NÃO HÁ FUTURO, não há esperança de um mundo melhor”. Tal afirmativa empírica, que pode ser escutada durante uma conversa do dia a dia, exprime um sentimento pessimista em relação ao mundo, perpetuando um modo destrutivo de ocupação do planeta. Afinal, se não há futuro, por que a preocupação com o presente?

Entretanto, para a Arquitetura e Urbanismo, disciplina cujo ato de idealizar, planejar e projetar são intrínsecos, é incoerente aceitar que o futuro não existe. Sendo assim, o seguinte texto discute brevemente o que se pode entender por “mundo melhor” e “tempo futuro”.

No séc. XVI Thomas More escreve o livro “Utopia”, criando o termo que se refere a um lugar ideal, que seja bom, justo, ético, porém inalcançável. Mesmo se tratando de uma obra literária, o conceito gerou discussões em diversas disciplinas, expandindo-se para a Sociologia, Economia, Arquitetura e Urbanismo. Consequentemente, a busca pelo Útopos influenciou a forma de construção das cidades, de modo que a tentativa de materialização da mesma estava intimamente associada a uma ideia de futuro próspero e de progresso infinito. Tal expectativa arrastou-o para o presente, negando o passado.

Como exemplo, Brasília (1960), projeto utópico da modernidade europeia executado na colônia; e o Archigram (1961), com projetos utópicos sem pretensão de serem executados. Embora ambos os exemplos partam da mesma valorização e expectativa do futuro, cada um molda a cidade de acordo com sua ideia particular de utopia e entendimento do tempo. Enquanto o Archigram desenha a cidade já prevendo a obsolescência e descartabilidade, fruto da sociedade do consumo, Brasília é construída sob o conceito de futuro estático, onde a ideia de mudança é inconcebível.

Entretanto, a busca pela utopia mostrou-se o contrário do que se postulava. Cegos por seus próprios egos, os arquitetos, que acreditavam que a partir da Arquitetura seria possível resolver os problemas sociais, negaram a própria sociedade a qual tentavam melhorar.

O séc. XX foi marcado por duas guerras mundiais, crises econômicas, ambientais, éticas e, inclusive, crise dentro da Arquitetura. Qualquer teor crítico que ainda restava ao propor um planejamento urbano foi abandonado em prol da arquitetura do consumo, moldada pelos interesses neoliberais. As cidades deixaram de ser um lugar para pessoas, tornaram-se espaços hostis e sem identidade, com memórias sendo apagadas para dar lugar a novos empreendimentos, sem preocupação com o contexto urbano, a comunidade ou a natureza.

Com a desilusão das promessas de utopia, o presente é consumido ao extremo pelas políticas capitalistas. Onde antes já não havia preocupação com o passado, alia-se ao desprendimento da perspectiva de futuro.

Para Paul J. Crutzen, a humanidade sobrevive no “Antropoceno”, ou seja, “um planeta totalmente transformado pelo ser humano, que é energia em si mesmo e que esteve, nas últimas décadas, submetido a um contínuo processo de exploração, atingindo hoje sua saturação” (Montaner; Muxí, 2021, p. 23). Portanto, a herança da ideia moderna de desenvolvimento atrelada à ambição do acúmulo de capital resultou em crises, guerras, catástrofes ambientais, doenças... e a morte do futuro.

E agora?

A opção mais fácil é viver a alienação e aceitar que não há futuro. Entretanto, ao fazer isso, permite-se a mercantilização de territórios, corpos e natureza, tratando-os como descartáveis (Faria, 2020, p. 32). A cidade grita por transformação.

A busca pela inserção de um tempo histórico na construção das cidades influencia a idealização que temos deste tempo. No entanto, o espaço da cidade carrega seu tempo próprio, também influenciando a maneira que o percebemos. Ou seja, o tempo e o espaço se influenciam concomitantemente.

Sendo assim, é necessário abandonar a ideia de passado, presente e futuro como três entidades distintas que se anulam, como fizeram os modernistas e pós-modernos. Faz-se necessário olhar para o passado, reconhecer seus erros e, então, repensar não só o futuro e sua abordagem, mas a construção urbana e sua relação com o conceito humano de tempo.

> O tempo linear é uma invenção do Ocidente, o tempo não é linear, é um maravilhoso emaranhado onde, a qualquer instante, podem ser escolhidos pontos e inventadas soluções, sem começo nem fim" (BO BARDI, *APUD* FERRAZ, 1993, P. 327).

Defende-se olhar a cidade a partir do entendimento que passado e futuro se encontram no presente. Esse instante onde eles se confundem é o "agora", a referência a ser usada para repensar o espaço.

Autores como Mumford (2013) propuseram outras formas de utopia, como a de reconstrução. Entretanto, além de ser incoerente seguir buscando por algo irrealizável, sem conexão com o lugar, tempo ou realidade, é irônico chamar um projeto de "utópico" a partir do momento que ele reconhece sua imperfeição, o que é o caso, já que a cidade enquanto produto do cidadão reflete a imperfeição do criador (Berardi, 2019).

Portanto, assim como outros autores já desenvolveram seus conceitos de lugar em relação ao tempo (Foucault com a heterotopia e Bauman com a retrotopia, por exemplo), é proposto um termo para se referir ao entendimento do tempo e do espaço defendido: o *Metatópos* (Figura 1).

Vista panorâmica da cidade de Santos/SP, em que as memórias da cidade antiga se sobrepõem à vista atual. Theatro Guarany, por Paulo Von Poser.

FONTE: CRISTINA GUERRA.

Utilizando a base "*tópos*", que significa lugar, acrescentou-se o prefixo grego "*meta-*", que indica mudança dentro de si mesma, posteridade, com valor semântico de comunidade, participação e transcendência (Alves, 2019, p. 55). Logo, o espaço como mudança olha para si mesmo, como um material do tempo, em constante metamorfose. E, resultante disso, a cidade cresce novamente como reflexo de seus habitantes.

A proposta da metatopia trata de estudar a Arquitetura e Urbanismo de forma a entender que o presente é construído tanto pelo passado quanto pelo futuro (Figura 2), deixando nosso tempo moldar o espaço e nosso espaço materializar o tempo. ✕

DENIS FERRI, ARQUITETO E URBANISTA PELA FAU SANTOS E MESTRE EM HISTÓRIA E FUNDAMENTOS DA ARQUITETURA E DO URBANISMO PELA FAUUSP. TAMBÉM É DIRETOR ADJUNTO DO IABSP. / GABRIELA SOARES, BACHAREL EM ARQUITETURA E URBANISMO PELA FAU SANTOS.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ieda Maria. *Empregos do prefixo meta-. Acta Semiótica et Lingvística: Edição Especial*, São Paulo, v. 24, n. 3, 2019.

BERARDI, Franco. *Depois do Futuro*. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

FARIA, Nalu. In: *Recortes de uma cidade por vir*. São Paulo: Instituto Pólis, 2020

FERRAZ, Marcelo Carvalho (Org.). *Lina Bo Bardi*. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1993.

MONTANER, Josep Maria; MUXÍ, Zaida. *Política e arquitetura: Por um urbanismo do comum e ecofeminista*. 1. ed. São Paulo: Editora Olhares, 2021.

MUMFORD, Lewis. *Historia de las utopías*. La Rioja, Espanha: Pepitas de calabaza ed., 2013.